

POR QUE O FARMACÊUTICO SE AFASTOU DAS DROGARIAS? ANÁLISE DO INTERESSE DOS FARMACÊUTICOS DA CIDADE DE SANTOS (SP) EM TRABALHAR COM DISPENSAÇÃO DE MEDICAMENTOS

MAGALI DA SILVA SANTOS¹

LÚCIO THEREZO DE LIMA²

MARLENE ROSIMAR DA SILVA VIEIRA³

1. Farmacêutica, atuando na área de drogaria, Unisantos

2. Farmacêutico e proprietário de drogaria, Unisantos

3. Docente da Universidade Católica de Santos, orientadora do trabalho, Unisantos.

Autor Responsável: M.S. Santos, *E-mail* maga1980@bol.com.br

INTRODUÇÃO

A história da farmácia, no Brasil, inicia-se, no período colonial, com a vinda dos primeiros boticários, sendo que, primeiro, vindo de Portugal, foi Diogo de Castro. Eram eles os responsáveis por comercializar drogas e medicamentos, nas casas comerciais chamadas boticas. Nas regiões mais afastadas, onde não existiam as boticas, os responsáveis pela comercialização destes materiais eram os mascastes, pessoas que viajavam pelo interior.

Os termos “botica” e “boticário” perduraram, até a terceira década do século XIX, onde o profissional manipulava e produzia o medicamento, de acordo com a farmacopéia e a prescrição do médico.

Em 1744, foi outorgado o regimento, chamado historicamente de “Regimento 1744”, que “proibia terminantemente a distribuição de drogas e medicamentos por estabelecimentos não habilitados”, criando a figura do profissional responsável e impondo algumas exigências. No entanto, tal regimento não foi cumprido, sendo que este fato era acobertado pelas próprias autoridades.

A partir de então, seguiu-se uma série de intervenções legislativas, com a finalidade de definir a profissão farmacêutica, no Brasil, muitas das quais submeteram o profissional farmacêutico aos caprichos do mercado. No Brasil, nas décadas de 40 e 50, observa-se um processo de expansão industrial, com a inserção de novos fármacos no mercado. A modernização do sistema produtivo assume um perfil denominado modelo de substituição de importações, que, juntamente com as mudanças científicas, promove profundas e aceleradas

mudanças sociais, influenciando no *curriculum* de formação do ensino farmacêutico.

Em paralelo a esta caminhada, verificou-se que as boticas foram gradualmente sendo substituídas por dois outros tipos de estabelecimentos: os laboratórios farmacêuticos, responsáveis pela pesquisa, síntese e produção de medicamentos; e a farmácia, local de dispensação de fármacos.

Há uma crescente tendência à desnacionalização, com uma grande dependência externa em relação à matéria prima. Ainda, neste ano, promulgou-se, em 17 de dezembro de 1973, a Lei 5991, que vem dispor sobre o controle sanitário, onde o comércio de medicamentos pode ser exercido por qualquer pessoa, desde que esteja sob assistência do profissional farmacêutico “responsável técnico”. Esta lei subordinou o farmacêutico aos interesses econômicos dos proprietários leigos, bem como das indústrias, acabando por liberalizar a venda de remédios em todo o território nacional, sem observar os princípios éticos farmacêuticos.

A partir de então, o farmacêutico viu-se obrigado a afastar-se da farmácia e ir em busca de outras áreas, já que “os proprietários das farmácias, em face aos problemas financeiros e da necessidade de garantir a viabilidade econômica do empreendimento comercial, não permitiam a direção técnica da farmácia pelo farmacêutico, e muitos sequer permitiam que o farmacêutico responsável técnico permanecesse na farmácia ou em contato direto com os clientes” (ZOBOLI, 1992, p. 58)

Para os mesmos não era interessante ter um fiscal, pago por eles próprios, para fiscalizar a venda de medicamentos.

No entanto são estes mesmos fatores que hoje gera a oportunidade do farmacêutico recuperar seu prestígio. Com a enor-

me quantidade de medicamentos disponíveis no mercado, torna-se necessário um profissional com conhecimento especializado a fim de garantir o uso correto de medicamentos.

“No século XXI, a atenção farmacêutica estabelece novos papéis e responsabilidades para o farmacêutico” (CRUCIOL E SOUZA, 2003, p.53), tornando-o peça chave na promoção ao uso racional de medicamentos.

Atualmente, tem se falado muito sobre a presença do farmacêutico em período integral nas drogarias. Isso, porque ele é peça fundamental na promoção à saúde. No entanto este profissional nem sempre quer estar atuando nesta área. Isto se dá devido a alguns fatores sociais, além dos históricos acima citados, os quais serão demonstrados neste trabalho.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa de campo, na cidade de Santos (SP), para o levantamento e comparação de dados quanto ao interesse de farmacêuticos e alunos do curso de Farmácia da Unisantos (Universidade Católica de Santos) em trabalhar na área de dispensação de medicamentos.

Para a realização desta pesquisa, foram formulados três questionários diferenciados, voltados para as seguintes áreas:

- Profissionais que trabalham com dispensação de medicamentos (drogaria)
- Profissionais que trabalham em outras áreas
- Alunos do curso de farmácia da Universidade Católica de Santos (Unisantos)

A aplicação dos mesmos foi realizada no período de 22 de março de 2003 a nove de maio de 2003, num total de 37 profissionais da área de dispensação e 51 profissionais de outras áreas, sendo feita de duas maneiras distintas: via telefone ou pessoalmente, sendo que os locais (farmácias de manipulação, drogarias, hospitais etc.) foram escolhidos aleatoriamente. Através de dados obtidos no Conselho Regional de Farmácia, constatou-se que foram entrevistados 90% dos farmacêuticos que trabalham em drogarias.

Aos alunos do curso de Farmácia da Unisantos, os questionários foram aplicados no mesmo período, num total de 324 pessoas, sendo que, com prévia autorização dos professores, passou-se em todas as turmas realizando a entrevista.

A tabulação dos resultados foi feita, à medida em que se ia obtendo os questionários respondidos. Desta maneira, pôde-se observar a evolução do trabalho e comparar melhor as respostas obtidas.

Após análise dos dados obtidos, sentiu-se a necessidade de realizar uma segunda entrevista com os alunos do curso de Farmácia da Unisantos, a fim de verificar informações sobre principais áreas de interesse e estágio curricular. Esta foi aplicada no período de 21 de maio de 2003 a 03 de junho de 2003, atingindo 314 pessoas.

Paralelamente à realização das entrevistas, fez-se um levantamento bibliográfico em busca dos motivos históricos que levaram o farmacêutico a se afastar da área de dispensação de medicamentos e fundamentar os dados obtidos nas entrevistas.

Com isto, pretendemos:

- Verificar interesse dos profissionais farmacêuticos da cidade de Santos em trabalhar com dispensação de medicamentos e os principais motivos que levam ao desestímulo em atuar nesta área;
- Verificar o interesse dos alunos do curso de Farmácia da Unisantos em trabalhar na área de dispensação de medicamentos, bem como os motivos que levam alguns a não quererem seguir este ramo de atividade;
- Comparar a formação do profissional da área de dispensação e o das demais áreas.

Resultados

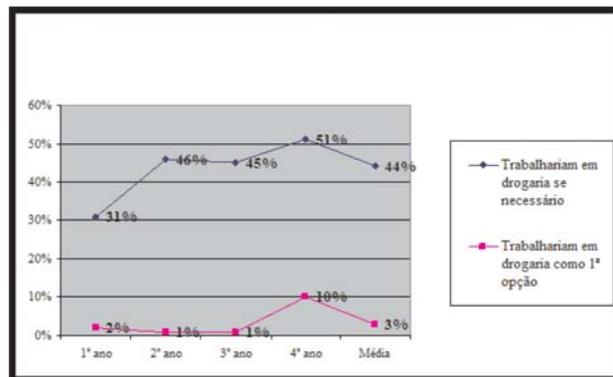


Figura 1. Interesse dos alunos de Farmácia da Unisantos em trabalhar com dispensação de medicamentos em suas várias etapas de formação.

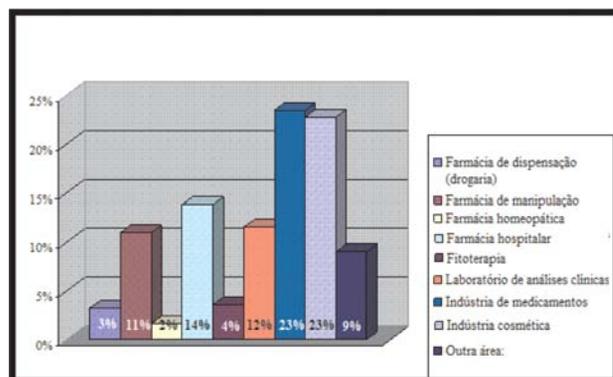


Figura 2. Área de interesse declarado dos alunos da Unisantos.

Conforme dados obtidos nas entrevistas, apenas 3% dos alunos da Unisantos escolheriam como primeira opção de trabalho a área de dispensação (drogaria), sendo que cerca de 44% aceitariam trabalhar nessa área se necessário. Nota-se que o principal interesse demonstrado seria a atuação. Isto provavelmente se dá pelo fato desta possibilitar contato com novas tecnologias.

Observou-se, também, que o interesse em trabalhar em drogarias, como primeira opção, aumenta significativamente no 4º ano do curso. Isto talvez se dê pelo fato de o aluno já ter feito estágio nesta área, passando a conhecer melhor as atividades ali desenvolvidas. Além disso, ele passa a ter consciência de que este é o local que oferece maior quantidade de empregos para farmacêuticos em nossa região, já que o campo de trabalho em outras áreas é pequeno e muito disputado.

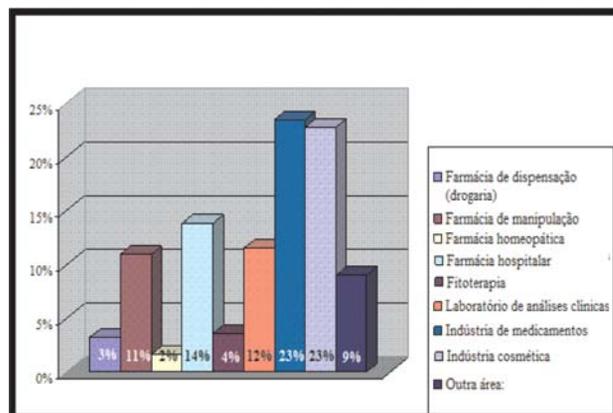


Figura 3. Principais motivos que levam os alunos ao desinteresse pelo trabalho de dispensação de medicamentos.

Os principais motivos que os levam a afastar-se desta área, conforme gráfico 3, são: não ter perspectiva de crescimento na empresa, pelo fato de o trabalho ser muito rotineiro e baixo salário.

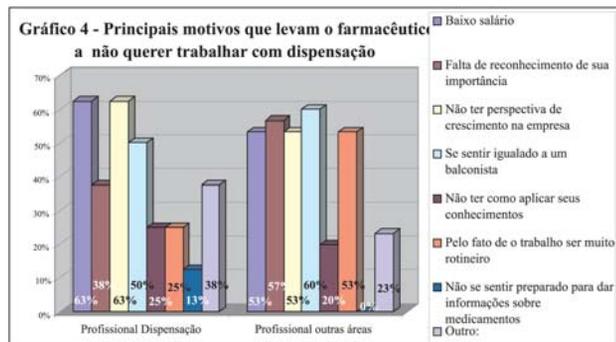


Figura 4. Principais motivos que levam o farmacêutico ao desinteresse pelo trabalho de dispensação de medicamentos.

Através da pesquisa de campo constatou-se que aqueles que vão trabalhar com dispensação de medicamentos, conhecendo melhor a área, adquirem gosto pela mesma (78%). Dos 22% que não adquirem este gosto, verificou-se que os principais motivos do desestímulo são: não ter perspectiva de crescimento na empresa (63%) e baixo salário (63%), seguido pelo fato de se sentir igualado a um balconista (50%). Estes dados podem ser observados nos gráficos 10 e 11.

Já entre aqueles que seguem para outras áreas, verificou-se que apenas 41% têm interesse em trabalhar em drogaria. Isto se dá principalmente por: se sentir igualado a um balconista (60%), seguidos por falta de reconhecimento de sua importância (57%), não ter perspectiva de crescimento na empresa (53%), baixo salário (53%) e pelo fato de o trabalho ser muito rotineiro (53%).

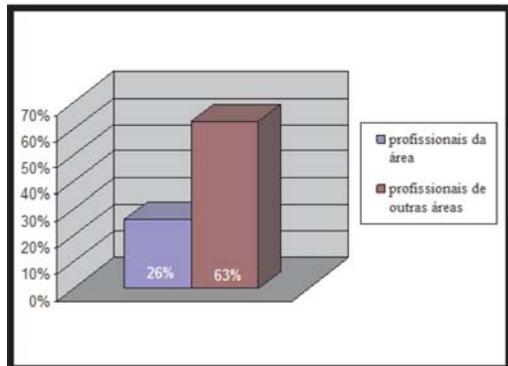


Figura 5. Profissionais que fizeram mais de um curso na área de farmácia após sua formação.

Também, se sentiu a importância de verificar o grau de formação dos diferentes profissionais, sendo que 72% destes se formaram na Unisantos. Pelos dados obtidos, percebe-se que, enquanto os profissionais de dispensação, em sua maioria (74%), fazem apenas um curso após sua formação, os demais profissionais se aprimoram mais, fazendo mais de um curso (63%).

DISCUSSÃO

Entre os entrevistados, notamos alguns pontos em comum que levam ao desinteresse em trabalhar com dispensação de medicamentos:

Baixo Salário

Em levantamento realizado nos sindicatos quanto ao piso salarial do profissional farmacêutico, notou-se que, embora o piso

mais baixo seja o de farmácia hospitalar, este pode acumular cargo de responsabilidade em mais de um estabelecimento, aumentando assim sua renda. Já com a área de drogarias, isto não ocorre e este é o segundo piso salarial mais baixo da categoria, sendo o mais alto o do farmacêutico industrial. Isto explica o motivo da insatisfação quanto ao salário na área de dispensação.

Se sentir igualado a um balconista

Em estudo realizado, em Londrina (PR), sobre as características da prática farmacêutica em farmácias, notou-se que grande quantidade dos farmacêuticos exerce funções adversas às suas atribuições:

- 77,3% dos entrevistados organizam os produtos na prateleira; 60,7% exerce a função de 'caixa'; 51,1% desempenham a tarefa de empacotar e 30,3% a limpeza do estabelecimento. 44,3% dos entrevistados relatam desempenhar duas ou mais funções que não necessitam de conhecimento específico de farmacêutico (CRUCIOL e SOZA et al., 2003, p. 53).

Percebe-se que, neste estudo, nem mesmo foi citada a prática de atenção farmacêutica, que seria o principal papel do farmacêutico, não só nestes estabelecimentos, mas em toda sua área de atuação.

Ao chegar ao local de dispensação, o paciente irá ter um contato direto com o dispensador. É importante que o fluxo de informação iniciada durante a consulta médica tenha continuidade neste local, a fim de conseguir uma melhor adesão do paciente ao tratamento, aumentando assim a eficácia do mesmo.

Assim sendo, torna-se de fundamental importância que o profissional da área de dispensação tenha a liberdade de praticar a atenção farmacêutica, e seja apoiado pelos donos de farmácias, estimulando-o assim a permanecer nestes estabelecimentos.

Não ter perspectiva de crescimento na empresa

Para verificar a veracidade deste dado, conversou-se com um farmacêutico de uma rede de farmácias da Baixada Santista, o qual nos indicou que o farmacêutico pode crescer na empresa, alcançando dos seguintes cargos: sub-gerente, gerente, e supervisor farmacêutico, sendo este último um cargo de confiança.

No entanto existem muitas drogarias de porte pequeno existe, onde, em sua maioria, um balconista, um farmacêutico e o dono, não havendo assim possibilidade de crescimento. Não se encontrou dados para comparar com as demais áreas.

Formação

Acredita-se que o farmacêutico de outras áreas se especialize mais do que aquele que atua em dispensação de medicamentos (gráfico 5) devido ao fato de que há um grande campo de trabalho em drogaria, não exigindo um grande aprimoramento profissional, enquanto que, em outras áreas há uma disputa muito maior por vagas, fazendo com que o profissional tenha que se atualizar cada vez mais para conseguir o emprego desejado.

O Dr. Jaldo de Souza Santos, Presidente do Conselho Federal de Farmácia, em reportagem da revista "Pharmacia Brasileira" (2001, p. 3), mostrou-se empenhado em mudar este quadro, dizendo que "Para universalizar a atenção farmacêutica, precisamos criar condições ideais. Uma delas já está em construção, que é a oferta de cursos de reciclagem, com o objetivo de aprofundar a qualificação profissional. Nesse sentido, iremos ampliar o número desses eventos, atingindo o País inteiro. O profissional altamente qualificado, com plenos conhecimentos, tem o seu preço. Os seus serviços valem ouro. Além disso, com mais qualificação, podemos atender bem a população, prestando-lhe melhores serviços."

Em relação às disciplinas que devem ser bem trabalhadas para que o profissional tenha uma boa atuação na área de dispensação, as mais citadas foram as seguintes:

Farmacologia

Por farmacologia entende-se: “estudo do modo pelo qual a função orgânica dos sistemas é afetada pelos agentes químicos” (RANG *et. al.*, 1997, p. 3), ou seja “estudo das interações dos compostos químicos com organismos vivos” (SILVA, P, 2002, p.4), sendo que quando esta se especializa na área médica, a substância química passa a ser chamada de fármaco.

Vale observar que a farmacologia médica estuda o medicamento, tanto com seus efeitos benéficos/desejáveis, quanto seu potencial de toxicidade, analisando substâncias endógenas e exógenas, a fim de fornecer o substrato para a terapêutica.

Com base no que foi apresentado acima, observa-se a grande necessidade do profissional farmacêutico em conhecer essa área, a fim de orientar o paciente sobre a terapêutica, verificar possíveis interações medicamentosas, observar efeitos colaterais, entre outras de suas atribuições, exercendo assim um bom trabalho de Atenção Farmacêutica.

Higiene Social

A disciplina Higiene Social irá estudar a saúde coletiva, a fim de propiciar opções “para um estilo existencial saudável, sob o ponto de vista individual e coletivo” (PINTO & SILVA, 2001, p. 8).

Para organizar serviços de promoção à saúde, os aspectos mais importantes são as necessidades de saúde, não só para eliminar a doença, mas para promover a qualidade de vida.

A Higiene Social tem por finalidade abordar estes aspectos, formando um profissional crítico.

Estágio Curricular

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia,

A formação do Farmacêutico deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente. A carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá atingir 20% da carga horária total do Curso de Graduação em Farmácia proposto, com base no Parecer/Resolução específico da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

O estágio curricular é a prática em farmácia, onde o aluno irá aprender o básico sobre a área escolhida. Por esse motivo ele é tão importante.

CONCLUSÃO

Ao entrar na faculdade, os alunos da Unisantos mostram grande interesse em trabalhar na área industrial, talvez pela possibilidade de contato com novas tecnologias e/ou pelos melhores salários oferecidos por esta área, sendo mínimo o interesse em trabalhar com dispensação de medicamentos. Durante os anos de curso, é mínima a mudança neste quadro. Somente no quarto ano nota-se maior interesse dos alunos em relação a outras áreas, sendo que apenas 10% dos mesmos saem da faculdade optando como primeira opção o trabalho em drogaria.

Já nos profissionais farmacêuticos, observa-se um interesse um pouco maior pela área, no entanto o desestímulo ainda é muito grande. Os principais motivos que levam a isso, juntamente aos fatores históricos, são: baixo salário, não ter perspectiva de crescimento na empresa e se sentir igualado a um balconista. Nota-se que o profissional ainda não possui incentivo para desenvolver a sua real função dentro de uma drogaria, que seria a “Atenção Farmacêutica”, a fim de promover o uso racional de medicamentos.

Além disso, percebeu-se que os profissionais que atuam em outras áreas procuram se especializar muito mais do que aqueles que trabalham com dispensação. Isto provavelmente se deve ao fato de o campo de trabalho em drogaria ser muito amplo, enquanto que em outras áreas é mais concorrido.

Após formado, o farmacêutico encontrará uma gama muito grande de empregos em drogarias. É necessário que ele passe a ter um maior interesse por esse trabalho e passe a se aprimorar mais, melhorando, assim, seu desempenho e, conseqüentemente, favorecendo o paciente com suas informações prestadas.

Para tanto, propõe-se que se faça uma conscientização, não só da comunidade, mas também dos donos de farmácia e do próprio farmacêutico, através de campanhas em massa, a fim de propiciar um reconhecimento da importância do trabalho deste profissional na saúde coletiva.

Através destes atos, espera-se que os farmacêuticos da cidade de Santos (SP) passe, cada vez mais, a perceber a importância de seu trabalho na área de dispensação, lutando pelo seu reconhecimento social e passando a estar, cada vez mais, presente nas drogarias.

BIBLIOGRAFIA

- BERMUDEZ, Jorge. *Remédio: saúde ou indústria?: A produção de medicamentos no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará 1992. p. 9-13.
- BRAGA, José Carlos S., PAULA, Sérgio G. *Saúde e previdência: estudos de política social*. 2. ed. São Paulo – SP: Hucitec, 1986. p. 18-135.
- CONSELHO Nacional de Educação. *Resolução nº CNE/CNE 2/2002: Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia*. Brasília – DF, 2002.
- CRUCIOL e SOUZA, Joice Mara et. al. *Avaliação da Formação Acadêmica dos Farmacêuticos Atuantes em Farmácias de Londrina – PR. Pharmacia Brasileira*. Brasília – DF, Ano III, n. 34, p. 54-55, out./nov. 2002.
- IVAMA, Adriana M. et al. *Atenção Farmacêutica no Brasil: “Trilhando Caminhos”*: Relatório da Oficina de Trabalho. Brasília – DF: Organização Pan-Americana de Saúde, 2001. 43 p. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/medicamentos/index.cfm?ent=2 &carregar=4&cat=1#>>
- PEPE, Vera Lúcia E., CASTRO, Claudia G. S. O. *A interação entre prescritores, dispensadores e pacientes: informação compartilhada como possível benefício terapêutico*. Cad. Saúde Pública. vol.16, no.3, p.815-822, jul./set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X200000300029&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-311X>. Acesso em 27 mar. 2003.
- PERINI, Edson. *A questão do farmacêutico: remédio ou discurso*. In: BONFIM, José Ruben de Alcântara, MERCUCCL, Vera Lucia (org.). *A construção da Política de Medicamentos*. São Paulo: Afiada, 1977. p. 323-334.
- PINTO, Rosa Maria F, SILVA, Waldinei V. (org.). *Temas de Saúde Pública : Qualidade de Vida*. Santos – SP: Leopoldinum, 2001. p. 8.
- SANTOS, Jaldo de Souza. *Atenção farmacêutica: nossa origem, identidade e futuro. Pharmacia Brasileira*, Brasília – DF, Ano III, n. 29, p. 03, nov./dez. 2001. Disponível em <<http://www.cff.org.br/revistas/29/corporevista.html>> Acesso em: 18 mar. 2003.
- SANTOS, Jaldo de Souza. *Farmacêutico na Farmácia: Prioridade da Nova Diretoria. Entrevista concedida a Aloísio Brandão. Pharmacia Brasileira*, Brasília – DF, Ano III, n. 29, p. 12-15, nov./dez. 2001. Disponível em <<http://www.cff.org.br/revistas/29/corporevista.html>> Acesso em: 18 mar. 2003.
- SINDICATO da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo. *Convenção Coletiva de Trabalho 2002-2003*. São Paulo – SP, 2002. Disponível em <<http://www.sinfar.org.br/Telas/juridico.asp>>. Acesso em: 20 mai. 2003.

SINDICATO do Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos do Estado de São Paulo. *Convenção Coletiva de Trabalho 2002-2003*. São Paulo – SP, 2002. Disponível em < <http://www.sinfar.org.br/Telas/juridico.asp>>. Acesso em: 20 mai. 2003.

SINDICATO dos Hospitais, Clínicas, Casas de Saúde, Laboratório de Pesquisas e Análises Clínicas do Estado de São Paulo.

Convenção Coletiva de Trabalho 2002-2003. São Paulo – SP, 2002. Disponível em <<http://www.sinfar.org.br/Telas/juridico.asp>>. Acesso em: 20 mai. 2003.

ZUBIOLI, Arnaldo. *Profissão: farmacêutico: E Agora?*. Curitiba – PR: Louvise, 1992. 115 p.